

PREFÁCIO

O envelhecimento da população é hoje uma realidade incontornável da sociedade portuguesa, resultado da melhoria das condições de vida e da modernização que Portugal conheceu nas últimas décadas. Os processos do envelhecimento demográfico são conhecidos e os contextos em que se envelhece têm sido objeto de análise em inúmeros estudos nos últimos anos o que nos permite ter uma visão da heterogeneidade da população idosa, tanto no que diz respeito às condições, às formas ou aos lugares onde e como se envelhece. Sabemos que o envelhecimento é sobretudo feminino, porque a esperança de vida das mulheres é mais elevada, embora vivam mais tempo com algum tipo de incapacidade, porque têm uma esperança de vida com saúde menor. A condição da mulher idosa está frequentemente associada a fatores de maior vulnerabilidade que caracterizam um grupo significativo das mulheres mais velhas: envelhecem mais sozinhas, tendencialmente com um estado de saúde mais frágil, têm baixa escolaridade e baixos rendimentos. Por outro lado, as suas trajetórias de vida estão marcadas pelo efeito geracional de quem nasceu na primeira metade do século passado, em contextos sociais e ideológicos que moldavam representações estereotipadas de género, potenciadoras de desigualdade discriminação e violência contra as mulheres.

O trabalho da Maria João Carvalho analisa as representações sociais de mulheres idosas que vivem em meio rural, acerca da violência em contexto familiar e nas relações de intimidade. É um trabalho rigoroso que aborda um tema difícil pelo impacto social que tem, dando voz a um grupo de mulheres entre os 73 e os 81 anos que vivem em meio rural. Através das entrevistas que realizou podemos ficar a conhecer o ponto de vista destas mulheres sobre a sua vivência em contexto familiar quanto à escola e vida profissional, namoro, casamento e sexualidade, conhecimento acerca da violência doméstica e formas de apoio às vítimas na atualidade. É o retrato de um tempo em que na família, através do processo de socialização, se perpetuavam assimetrias muito marcadas quanto aos papéis de género: à mulher era reservado o espaço doméstico privado e ao homem o público, o que acabava por fomentar a dependência, uma distribuição desigual de poderes no casal e a uma menor capacidade de decisão das mulheres. Através dos testemunhos destas mulheres ficamos a conhecer as suas vivências, mas também as suas reflexões sobre os tempos, as condições do passado e as atuais, os seus receios, as situações de violência porque passaram (ou ainda passam), testemunhos, por vezes duros e emocionados, que permitem ao leitor ingressar no delicado, difícil e silencioso espaço da violência contra as mulheres e das suas consequências. O silêncio dos processos de vitimização e as dificuldades para a revelação constituem uma das mais graves consequências.

No final do seu trabalho, a Maria João Carvalho apresenta um plano de intervenção na comunidade que “tem como objetivo primordial desenvolver uma rede integrada de prevenção e atuação a nível dos casos de violência doméstica contra mulheres idosas”. Esta é uma dimensão fundamental da Gerontologia que se pretende desenvolver no âmbito do Mestrado em Gerontologia Social do Instituto Politécnico de Castelo Branco, ou seja, propor estratégias fundamentadas, que partam da análise das problemáticas presentes nas comunidades, que melhorem o bem-estar dos mais velhos.

O livro *Representações de Género e Violência: Perspetiva de mulheres idosas em meio rural* constitui-se assim como uma ferramenta útil para os estudantes de ciclos de estudos em Gerontologia Social, bem como para os profissionais e técnicos que estudam, investigam e intervêm o âmbito da violência de género.

Castelo Branco, 15 de março de 2021

Clotilde Agostinho
Maria João Guardado Moreira